



WE CAN DO IT: AS MULHERES NA FORÇA DE TRABALHO

STEPHANIE RIBEIRO E THAIS DE BAKKER

ilustração ISADORA CARANGI

Você já deve ter visto aquele cartaz antigo do “We Can Do It”. A moça retratada lá tem o apelido de *Rosie, the riveter* (em tradução livre, Rosie, a rebitadora, que é um tipo de operária de fábrica), e essa tal Rosie se transformou em um ícone por todos os Estados Unidos. Ela apareceu em inúmeros produtos culturais veiculados pelo governo norte-americano com o objetivo de angariar mais mulheres para o trabalho pesado, tipicamente associado a homens e completamente diferente do tipo de trabalho que as mulheres vinham realizando — geralmente relacionado à educação, à enfermagem, à costura e afins.

A moça que aparece no cartaz se chama Rose Will Monroe e era de fato uma rebitadora, mas o objetivo principal da figura de Rosie era o de fazer com que o máximo de mulheres se identificasse com a imagem e seguisse os passos de trabalhadora da indústria pesada.

Essa imagem fazia parte de um processo que visava movimentar as mulheres e mobilizar todos os esforços possíveis para sustentar a Segunda Guerra Mundial. Nem é preciso dizer que inúmeros homens foram servir no exército, deixando seu país e seus empregos, e muitos

desse morreram em batalha. Era necessário, portanto, que alguém operasse fábricas, como as de armamentos, por exemplo — e aí entraram as mulheres. O governo começou um processo intenso de propaganda tentando estimular as mulheres a trabalhar nos esforços de guerra, apelando especialmente para seu senso de nacionalismo e para a necessidade de proteger e apoiar seus homens em batalha.

Deu certo: nos EUA, em 1890, a porcentagem total de mulheres na força de trabalho era de 17% e em 1944 passou para 35,4%. Esse processo é mais associado aos Estados Unidos em grande parte devido ao cartaz do “We Can Do It”, que aparece em todos os cantos até hoje, mas também aconteceu na Primeira Guerra Mundial e em vários outros países envolvidos nos conflitos. Por exemplo, na Alemanha de 1944, a participação das mulheres na força de trabalho estava em 51,1%, uma escalada surpreendente se comparada à de 1938, quando esse número estava em 37,4%.

Quando descobri que o símbolo mais famoso do movimento feminista e a mudança mais brusca e significativa nas formas de trabalho feminino foram resultado de uma movimentação do governo — composto naquela época quase completamente por homens — para atingir interesses bem contestáveis, me decepcionei.

Esse episódio também nos remete a outras coisas, como o mito mais comum sobre a origem do Dia Internacional da Mulher: é dito por aí que, em torno de 1850, em um 8 de março, mais de cem operárias de uma fábrica de tecidos em Nova York se mobilizaram em uma greve contra as condições de trabalho deploráveis às quais eram submetidas e foram horivelmente reprimidas, sendo trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada, e o Dia da Mulher teria sido criado em homenagem a essas vítimas.

Entretanto, a veracidade dessa história é controversa, e ela parece, na verdade, uma mistura de outros acontecimentos relevantes: uma greve de 1909 que durou mais de um mês e teve participação de cerca de 15 mil trabalhadoras da indústria têxtil; um incêndio numa fábrica têxtil que matou 125 mulheres e 21 homens; e uma greve em São Petersburgo de trabalhadoras do setor de tecelagem, no dia 23 de fevereiro do calendário juliano e 8 de março no calendário gregoriano, que teria sido o estopim

da Revolução Russa. Sob a luz desses outros acontecimentos, muito pouco disseminados (por que será?), a história muda um pouquinho de figura, e o Dia Internacional da Mulher deixa de ser uma concessão feita pelos poderosos, para se tornar fruto do trabalho duro de mulheres para mulheres.

Se avaliarmos essa questão pensando nas mulheres negras, constatamos que, diferente das mulheres brancas, as negras nunca foram impedidas de trabalhar – pelo contrário, sua mão de obra foi inclusive escravizada. Tendo em vista esse passado, as mulheres negras lutavam contra mais amarras e ainda lutam. Nenhuma demanda inviabiliza a outra, são batalhas paralelas. Hoje, já podemos trabalhar, mas mulheres brancas ainda ganham menos do que homens e negras menos ainda, a maioria vivendo do trabalho informal e em serviços domésticos.

Não devemos nada que conquistamos a ninguém além de nós mesmas, e essas mulheres corajosas que sofreram mortes horríveis nas mãos do Estado e dos poderosos são a prova disso. A campanha para aumentar a participação das mulheres na força de trabalho que vimos na Segunda Guerra foi apenas o primeiro passo para mudar os lugares ocupados pelas mulheres na sociedade, e tudo, absolutamente tudo que conquistamos é mérito nosso. E ainda temos muito a conquistar, visto que mulheres são tratadas de forma desigual no campo profissional até hoje, e as negras ainda são predominantes nos empregos que envolvem servir os outros.

É importante lembrar que, quanto mais incomodamos, mais conquistamos espaço para nós, para nossas filhas e netas e para todas que virão depois. Toda vez que alguém se irrita com mulheres defendendo seus próprios direitos, o mundo fica um pouco melhor: a ordem defendida pelos governos e pelos poderosos só nos quer no poder quando interessa a eles, mas nós estamos pouco a pouco chegando lá, quer eles queiram, quer não. ★

Glossário

Conheça alguns problemas enfrentados pelas mulheres que podem ocorrer no dia a dia de trabalho:

BROPRIATION

junção dos termos *bro* ("meno") e *appropriation* (apropriação). É quando um homem leva o crédito pela ideia de uma colega mulher.

GASLIGHTING

forma de abuso psicológico em que se distorcem as informações ou questionam os sentimentos femininos para que as mulheres sejam levadas a acreditar que estão agindo feito "loucas" ou "histéricas", duvidando de si mesmas.

MANSPLAINING

aglutinação das palavras *man* (homem) e *explaining* (explicar). Ocorre quando um homem explica alguma coisa a uma mulher de maneira condescendente ou arrogante. É quando aquele colega vem te ensinar uma coisa que você está cansada de saber só para mostrar superioridade.

MANINTERRUPTING

união de *man* (homem) e *interrupting* (interromper). É quando os homens interrompem desnecessariamente a fala das mulheres (em reuniões, por exemplo), o que geralmente não ocorre quando é outro homem que está falando.